

Franco defende déficit em conta corrente

RAUL PILATI

BRASÍLIA — O Governo pretende manter a atual política cambial e ainda está interessado em gerar um déficit, abaixo de 2% do Produto Interno Bruto (PIB), nas transações correntes do Brasil, garantiu ontem o diretor da área internacional do Banco Central, Gustavo Franco. Segundo ele, ao país interessa abrir espaço para atrair mais capital estrangeiro.

Mesmo que venham a ocorrer novos déficits na balança comercial este mês e em fevereiro, não há intenção de mudar a linha de atuação da equipe econômica. A meta para este ano é conseguir ingresso líquido no País de poupança externa em volume que não deixe o país vulnerável.

— Não há problema algum em um déficit abaixo de 2% — argumentou o diretor.

Franco está tranquilo, mesmo com o déficit na balança comercial em torno de US\$ 1 bilhão em dezembro, e a perspectiva de resultados negativos em janeiro e fevereiro. As reservas, observa, são confortáveis para suportar um longo período de importações maiores que as exportações. Ele lembrou que parte das compras externas são investimentos e parte atende demanda do consumidor final, evitando pressões inflacionárias.

— Se temos reservas, vamos gastá-las por uma boa causa. O resultado de dezembro teria de se repetir por longo período para se tornar perigoso — afirmou.

“Se temos reservas, vamos gastá-las por uma boa causa.”

Gustavo Franco



Ao gerar um déficit nas transações correntes, o Brasil poderá absorver poupança externa para equilibrar sua balança de pagamentos, recebendo investimentos, sem impacto sobre a política monetária. Um déficit como o do Chile, de 1,2% do PIB, não teria problema. Não pode é chegar ao nível da Argentina, de 5% do PIB, ou do México, de 10%, que seriam perigosos, segundo Franco. Em 1994 o déficit nas transações correntes foi de apenas US\$ 220 milhões, 0,04% do PIB.

Para atingir a meta, Franco disse que o Governo pode tomar medidas de estímulo aos exportadores, como a ampliação do prazo dos Adiantamento de Contrato de Câmbio (ACC), para

atingir resultados compatíveis com as importações.

O impacto do déficit nas transações correntes sobre a política monetária pode variar, de acordo com o interesse do Governo. O presidente do BC, Pêrsio Arida, já avisou que a política monetária não ficará dependente do câmbio.

— A não passividade da política monetária é elemento absolutamente fundamental para a estabilização econômica — afirmou Arida.

O interesse em gerar o déficit em conta corrente é abrir espaço para a entrada de capital externo que leve ao crescimento da economia brasileira.